

George R. R. Martin

Sacanas sem lei do fantástico

Uma série que hoje regressa à TV transformou-o numa estrela do *mainstream*. George R. R. Martin é uma das figuras mais influentes do mundo para *Time* e um ponta-de-lança na valorização do fantástico – vampiros adolescentes à parte

Joana Amaral Cardoso

George R. R. Martin está algures entre os Sete Reinos de Westeros e o Saldanha, em Lisboa. E nem a sua lata de Coca-Cola fica para contar a história. Explicamos: o autor da saga de fantasia histórica *As Crónicas de Gelo e Fogo*, agora mais conhecida pelo título da série televisiva *Guerra dos Tronos*, que hoje regressa ao canal SyFy, foi catapultado para o estrelato graças à produção da HBO. E cerca de 700 pessoas, na sua maioria com idades entre os 15 e os 35 anos, passaram quatro horas com ele entre perguntas, respostas, autógrafos e um refrigerante surripiado à laia de recordação. Mal entrou no Teatro Villaret, perguntou-lhes: “Onde é que vocês todos estavam em 2008?”

Gargalhada colectiva, parte dela de vítimas felizes do efeito televisivo nos seus recentes hábitos de leitura. A sala encher-se-ia várias vezes com o riso fácil e rejubilante de fãs presos a cada palavra do ídolo literário. Há quatro anos, George R. R. Martin esteve em Portugal no Fórum Fantástico, evento anual em Lisboa que move dezenas de fiéis da fantasia, ficção científica

e afins universos. Na altura, a HBO já tinha comprado os direitos de adaptação da sua saga, mas tudo era ainda mera burocracia. Agora, o cenário mudou. A sua vida também. São multidões, e não grupos, que o esperam a cada passo da sua digressão. “Espero estar a lidar com isso com uma suavidade e graciosidade excepcional”, ri-se em conversa com o PÚBLICO, “especialmente [sendo] um miúdo de Bayonne, Nova Jérсия; até 1981 nunca tinha saído dos EUA e agora sou convidado para os quatro cantos da Terra. Costumo brincar dizendo que gostava que me tivesse acontecido há 30 anos, em vez de me acontecer aos 63”.

No último ano viu a sua carreira de autor multipremiado (vários prémios Hugo, Nebula, Bram Stoker, entre outros) e de culto explodir no *mainstream*. Contratou mais um assistente (“Estou a tornar-me uma indústria!”) e aprendeu a dizer “não” às constantes solicitações, tudo para poder voltar à página em branco. A agitação “deixa pouco tempo para aquilo que me trouxe aqui - a escrita. Quando todos os fãs, editores, troféus, entrevistas e louros se vão embora, sou só eu, a história e aquele ecrã de computador em branco e o cursor a piscar. É para isso que tenho de encontrar mais tempo”.

A chegada do sucesso

Em 2011 foi eleito uma das cem pessoas mais influentes pela revista *Ti-*

me, corolário de uma carreira de 37 anos em que *As Crónicas de Gelo e Fogo* são a sua obra maior. Ano em que chegava a série da HBO, com grande sucesso (média de 9,3 milhões de espectadores, a terceira mais popular do canal), e em que publicava, depois de cinco anos de polémico e doloroso interregno para os fãs, *A Dança dos Dragões*, o quinto capítulo (de sete) das *Crónicas*. Já vendeu mais de 15 milhões de exemplares, 150 mil dos quais em Portugal - a editora Saída de Emergência tem em Martin o seu autor mais vendido.

15

milhões de livros vendidos em todo o mundo - o número dá a medida do sucesso literário do autor de *As Crónicas de Gelo e Fogo*

150

mil livros foi quanto George R. R. Martin vendeu em Portugal, onde é editado pela Saída de Emergência

E pronto, George R. R. Martin, uma figura redonda e afável de 63 anos, barba e suspensórios, está na estrada como Kerouac, em digressão europeia há perto de um mês, com paragens em Lisboa e Porto. Há uma nova temporada da série, a colectânea de contos *O Cavaleiro de Westeros e Outras Histórias* agora lançada em Portugal e o autor carrega consigo a aura dos seus volumosos épicos (a edição portuguesa divide os cinco capítulos existentes das *Crónicas* em dez tomos). Eles contêm a história dos Sete Reinos de Westeros e toda a sua barbárie e encanto medieval, inspirados na disputa pelo trono da Guerra das Rosas do século XV britânico e onde ninguém, nem a personagem mais amada, está a salvo. Um complexo mapa e trama de reinos, poder, homens e mulheres amuralhados, sexo, violência e a ameaça de um Inverno que chega, escondido atrás de uma muralha de 200 metros de altura a dividir aquela terra de Idade Média. Um território de sacanas sem lei profundamente humanos. Quentin Tarantino podia morar ali.

O que é “literatura”?

J.R.R. Tolkien e o seu *Senhor dos Anéis* são incontornáveis numa conversa com Martin. Muitas vezes, como é o caso da entrevista ao PÚBLICO, é ele que evoca o britânico que apadrinhou o género da fantasia épica. Com o mitológico Tolkien,





Durante a passagem de George R. R. Martin por Portugal, mais de 700 pessoas, entre os 15 e os 35 anos, passaram quatro horas a ouvi-lo no Teatro Villaret, em Lisboa. O autor viajou depois até ao Porto

a travessia do herói e um ordálio, mas o Bem triunfará. E o “Tolkien americano”, como a *Time* lhe chamou, nada tem contra isso - da forma “maciçamente inovadora” como J.R.R. o fez. O trabalho de Martin é sim uma resposta aos imitadores de Tolkien. “A fantasia contemporânea está cheia de senhores do mal vestidos de preto, forças sinistras que se agitam na obscuridade e de elfos e unicórnios que se juntam para se lhes opor”, critica Martin, filho de um estivador de Nova Jérsea que cresceu com *comics* (tem vários exemplares raros) e H. P. Lovecraft. “A luta entre o bem e o mal está no coração humano. Todos temos a capacidade para ambos. Os grandes heróis da história têm defeitos, pés de barro; os grandes monstros têm qualidades redentoras - Hitler adorava cães.”

A herança de Tolkien

Martin é um dos filhos pródigos de Tolkien, retratando a natureza humana de uma forma bem mais crua. *Guerra dos Tronos* é como “Os Sopranos na Terra Média”, diz um dos produtores, David Benioff. David Orr, colunista de poesia do *New York Times*, põe o dedo na ferida: “Acima de tudo, a fantasia moderna é a literatura da estranheza. Os livros de Martin, no entanto, são elogiados pelo seu realismo.” E a política de Westeros, em que se vive e morre pela espada, é a mais pura *realpolitik*.

O facto de o tempo de *Guerra dos Tronos* ter chegado agora diz algo sobre o momento que vivemos? “Foi obviamente uma boa altura [para fazer a série], porque teve esta ressonância tão forte. Mas é difícil de avaliar. Neste momento temos uma eleição presidencial a desenhar-se nos EUA e muitos dos candidatos discursam dizendo ‘Esta é a eleição mais importante das nossas vidas’, mas disseram isso há quatro, oito, doze anos. É só retórica.”

Shakespeare, Fitzgerald, Hemingway ou Tolkien - todos tiveram momentos de menor popularidade na cultura literária ocidental. “Todos os escritores gostam de pensar que o seu trabalho lhes sobreviverá”, admite George R. R. Martin, enterrado no sofá e com o olhar perdido. Será que com um pequeno ecrã a levar a sua palavra ao mundo essa probabilidade é maior? “O poder da TV expôs muitos mais milhões à obra, mas se há coisa que me faz pensar que o meu trabalho perdurará é algo como a sessão [do Teatro Villaret]. Se estou a dizer algo a miúdos que são duas gerações mais novos e que lerão os meus livros aos seus filhos...”

Essa audiência aplaudiu ruidosamente quando Martin ironizou: “O meu lobisomem [personagem de uma obra anterior] não tira a *T-shirt*”, referindo-se a uma das personagens do *blockbuster* adolescente *Crepúsculo*. Os livros de Stephenie

Meyer, precedidos pelo leiteiro de J. K. Rowling, ou mesmo o recente sucesso *Hunger Games* e as adaptações de *comics* ao cinema, marcaram a última década da cultura popular. O sobrenatural e o fantástico, com diferentes graus de qualidade, agradam. Poderá esta paisagem cultural favorecer a aceitação do (bom) fantástico na dita “literatura” da alta-cultura? “É uma pergunta interessante. Tenho vindo a ver mais aceitação deste género, tido como cultura popular descartável, nos cânones da ficção - pelo menos na América. Tudo vai dar à grande disputa entre Robert Louis Stevenson e Henry James no final do século XIX, na qual o mundo literário infelizmente sentiu que o vencedor foi James - enquanto *A Ilha do Tesouro* e afins foram vistos como entretenimento menor. Penso que estamos a voltar a um estado mais saudável, em que julgamos uma obra não segundo o género em que se inclui ou pela sua popularidade mas pela sua qualidade. E a prova é a sua sobrevivência. O que perdura.”

Voltar a Westeros

Enquanto jovem, Martin frustrava-se com o facto de saber sempre o final dos romances históricos que devorava. Por isso, lançou-se na ficção de fantasia histórica - entre outras coisas. Foi professor de Jornalismo e escreveu ficção científica; foi argumentista de *A Bela e o Monstro* e da versão anos 1980 de *Twilight Zone*. Para ele, a televisão não é um lugar estranho. Gosta de *Guerra dos Tronos*, da qual é coprodutor executivo e argumentista de um episódio por temporada, uma aposta forte do canal de *A Escuta*, *Roma* ou *Deadwood* (às quais já foi comparada): os primeiros dez episódios custaram 60 milhões de dólares, diz o *Wall Street Journal*, e na segunda temporada o orçamento cresceu 15%.

George R. R. Martin tem 63 anos, vive em Santa Fé e está ansioso por regressar à sua sala para voltar ao reino de Westeros. “Não sou desses tipos que conseguem escrever no avião, ou uma página em meia hora no quarto de hotel. Quando for para casa, vou proteger-me do mundo real para que possa viver em Westeros e escrever.” No Villaret, um fã perguntou o que inquieta muitos outros: dado que o tempo entre novos volumes é tão alargado e que faltam dois livros para terminar a história, tem alguns manuscritos em lugar seguro caso... morra? Tal como Stieg Larsson, outro autor de *best-sellers* com planos épicos para a sua história sueca de um jornalista e de uma *hacker*, Martin tem “algumas notas, sim”. “Mas menos do que possam pensar. Se me acontecer alguma coisa, vocês não terão sorte nenhuma.”